

Contra os ataques da burguesia, precisamos de uma luta unificada e massiva !

Em todos os países, em todos os setores, a classe operária sofre uma deterioração insuportável em suas condições de vida e de trabalho. Todos os governos, seja de direita ou de esquerda, tradicionais ou populistas, atacam incansavelmente. Os ataques estão desaguando sob o peso do aprofundamento da crise econômica global.

Apesar do medo de uma crise sanitária opressora, a classe operária começa a reagir. Nos últimos meses, nos Estados Unidos, Irã, Itália, Coreia, Espanha, França, e na Grã-Bretanha começaram as lutas. É certo que não são movimentos massivos: as greves e manifestações ainda são magras demais, dispersas demais. No entanto, a burguesia as observa como leite em ebulição, ciente da extensão da raiva que está rugindo.

Como lidar com os ataques realizados pela burguesia? Permanecer isolados e divididos, cada um em "sua" empresa, no "seu" setor de atividade? Com certeza será impotente! Então, como desenvolver uma luta unida e massiva?

Rumo a uma deterioração brutal das condições de vida e trabalho

Os preços estão subindo, especialmente os das necessidades básicas: alimentos, energia, transporte... A inflação em 2021 já é maior do que a que ocorreu após a crise financeira de 2008. Nos Estados Unidos, está em 6,8%, o maior nível em 40 anos. Na Europa, nos últimos meses, o custo da energia aumentou 26%! Por trás desses números, há cada vez mais pessoas em dificuldade para alimentar, abrigar, aquecer, se mover. Os preços globais dos alimentos subiram 28%, ameaçando diretamente com desnutrição quase um bilhão de pessoas nos países mais pobres, especialmente na África e na Ásia, 27,4 milhões em 2021 no Brasil.

O aprofundamento da crise econômica global significa uma concorrência cada vez mais acirrada entre os Estados. Para manter os lucros, a resposta é sempre a mesma, em todos os setores, no setor privado como no público: redução da força de trabalho, aumento da jornada de trabalho, restrição orçamentária, inclusive em equipamentos relacionados à segurança dos funcionários. Em janeiro, professores na França foram às ruas em massa para protestar contra suas condições de trabalho indignas. Eles também vivem o inferno capitalista diariamente por causa da falta de condições de trabalho e escassez de pessoal. Nas manifestações, uma ideia profundamente acertada foi exibida em cartazes: "O que acontece conosco vem de muito antes de Covid!"

O que está acontecendo com os profissionais de saúde mostra isso perfeitamente. A pandemia só evidenciou a escassez de médicos, auxiliares de enfermagem, enfermeiros, leitos, máscaras, uniformes, oxigênio... escassez de tudo! O caos e a exaustão que reinam nos hospitais desde o início da pandemia não são mais do que a consequência dos cla-

ros cortes realizados por todos os governos, em todos os países, por décadas. Tanto que a OMS é obrigada, em seu último relatório, a disparar o alarme: "*Mais da metade das necessidades não são atendidas. Há uma escassez global de 900.000 parteiras e 6 milhões de enfermeiras. [...] Essa escassez pré-existente foi exacerbada pela pandemia e pela pressão em excesso sobre essas forças de trabalho*".

Em muitos países pobres, grande parte da população nem sequer foi capaz de acessar vacinas pela única razão que o capitalismo se baseia na busca do lucro.

A classe trabalhadora não se reduz apenas aos operários industriais: é composta por todos os empregados (de trabalhadores temporários a funcionários públicos), desempregados, muitos estudantes, trabalhadores aposentados...

Mas então, "o que acontece conosco remonta muito antes de Covid"! A pandemia é o produto do capitalismo moribundo e agrava sua crise insuperável. Este sistema não só demonstrou sua impotência e desorganização diante de uma pandemia que já ceifou mais de dez milhões de vidas, especialmente entre os explorados e os mais pobres, mas continuará a degradar nossas condições de vida e trabalho, continuará a demitir trabalhadores, a esmagá-los, a tornar as pessoas mais precárias, a empobrecer. Sob o peso de suas contradições, ele só pode continuar a ser arrastado por guerras imperialistas intermináveis, a provocar novos desastres ecológicos, fontes de caos, conflitos, miséria e novas pandemias ainda mais graves. Este sistema de exploração não tem futuro para oferecer humanidade, além de sofrimento e miséria.

Só a luta da classe trabalhadora carrega outra perspectiva, a do comunismo: uma sociedade sem classe, sem nações, sem guerras, onde todas as formas de opressão serão abolidas. A única perspectiva é a revolução comunista mundial!

Um aumento da raiva e da combatividade

Em 2020, em todo o mundo, um peso de chumbo caiu com repetidos lockdown, internações de emergência e milhões de mortes. Após a renovada combatividade expressa em vários países durante 2019, particularmente durante o movimento contra a reforma da previdência na França, as lutas dos trabalhadores pararam repentinamente. Mas hoje, novamente, a raiva brada e a combatividade vibra:

– Nos Estados Unidos, uma série de greves afetou grupos industriais como Kellogg's, John Deere, PepsiCo, mas também o setor de saúde e clínicas privadas, como em Nova York.

– No Irã neste verão, trabalhadores de mais de 70 instalações petrolíferas entraram em greve contra os baixos salários e o alto custo de vida. Só visto há 42 anos!

– Na Coreia, os sindicatos tiveram que organizar uma greve geral pela proteção social, contra a precariedade e a desigualdade.

– Na Itália, houve muitos dias de ação contra as demissões e o fim do salário mínimo.

– Na Alemanha, o sindicato dos servidores públicos sentiu-se obrigado, diante do aumento da mobilização, a ameaçar greves na tentativa de obter aumentos salariais.

– Na Espanha, em Cádiz, os metalúrgicos se mobilizaram contra a redução salarial de 200 euros por mês, em média. Os funcionários públicos da Catalunha protestaram contra o uso intolerável de empregos temporários (mais de 300 000 trabalhadores estatais têm empregos precários). As lutas ocorreram nas ferrovias de Mallorca, em Vestas, na Unicaja, nos metalúrgicos de Alicante, em diferentes hospitais, cada vez contra as demissões.

– Na França, o mesmo descontentamento tem sido expresso através de greves ou manifestações no setor de transportes, nos garis, trabalhadores ferroviários e professores.

– O mesmo na Grã-Bretanha onde temos visto greves e outras ações nas universidades,

Se preparando para as lutas que virão

Todas essas lutas são importantes porque revelam que a classe trabalhadora não está disposta a aceitar todos os sacrifícios que a burguesia está tentando impor. Mas também devemos reconhecer as fraquezas de nossa classe. Todas essas ações são controladas pelos sindicatos que, em todos os lugares, dividem e isolam os proletários em torno de demandas corporativistas, enquadram e sabotam as lutas. Em Cádiz, os sindicatos procuraram aprisionar os trabalhadores na luta através da armadilha localista de um "movimento de cidadãos" para "salvar Cádiz", como se os interesses da classe trabalhadora apenas orbitassem na defesa dos interesses regionais ou nacionais e não no elo com suas irmãs e irmãos de classe para além de setores e fronteiras! Os trabalhadores ainda enfrentam dificuldades em se organizar, em assumir o comando da organização das lutas, em reunir-se em assembleias gerais soberanas, na luta contra as divisões impostas pelos sindicatos.

Há também um perigo adicional para a classe trabalhadora, a de renunciar à defesa de suas demandas de classe, unindo-se a movimentos que não têm nada a ver com seus interesses e métodos de luta. Tais movimentos foram verificados com os "coletes amarelos" na França, ou, mais recentemente, na China, durante o colapso do gigante imobiliário Evergrande (símbolo espetacular da realidade de uma China superendividada) que provocou principalmente o protesto de pequenos proprietários saqueados. No Cazaquistão, ataques maciços no setor de energia foram finalmente desviados para uma revolta "popular" sem perspectiva, preso em conflitos entre grupos burgueses que aspiram ao poder. Sempre que os trabalhadores se diluem no "povo" como "cidadãos", exigindo do Estado burguês para gentilmente "mudar as coisas", eles se condenam à impotência.

O movimento contra o CPE deve inspirar nossas lutas futuras

Em 2006, na França, a burguesia foi forçada a recuar e retirar seu ataque diante de uma luta maciça que ameaçava se estender para outros setores.

Na época, estudantes precários estavam enfrentando uma reforma que introduzia um "Primeiro Contrato de Trabalho", sinônimo de trabalho mal remunerado e super-explorado. Eles tinham sido capazes de recusar isolamento e divisão rejeitando slogans específicos.

Contra os sindicatos, eles estenderam suas assembleias gerais para todas as categorias de trabalhadores e aposentados. Eles entenderam que tinham que destacar a luta contra a precariedade da juventude como símbolo da precariedade de todos.

Impulsionado pela solidariedade entre setores e entre gerações, esse movimento teve, manifestação após manifestação, ganhado força. Foi essa dinâmica de unidade e massividade que assustou a burguesia e a forçou a retirar seu CPE.

Para nos prepararmos para a luta, devemos, onde pudermos, reunirmos para debater e aprender com as lutas passadas. É vital destacar os métodos de luta que fizeram a força da classe trabalhadora e permitiram que, em certos momentos de sua história, sacudisse a burguesia e seu sistema:

– a busca por apoio e solidariedade para além de "sua" empresa, "seu" setor de atividade, "sua" cidade, "sua" região, "seu" país;

– a mais ampla discussão possível sobre as necessidades da luta, independentemente da empresa, do setor de atividade ou do país;

– a organização autônoma da luta, em especial através de assembleias gerais, sem deixar o controle para os sindicatos, ou para qualquer outro órgão fiscalizador da burguesia.

A autonomia da luta, a unidade e a solidariedade são os marcos essenciais na preparação das lutas de amanhã!

Corrente Comunista Internacional, janeiro de 2022

Estamos distribuindo este folheto em todos os países onde nossas forças militantes estão presentes. Em março estamos organizando reuniões públicas online em português onde discutiremos a crise do sistema, a luta de classes e o papel dos revolucionários. Se você quiser participar da discussão, escreva-nos para pt@internationalism.org ou siga nosso site em www.internationalism.org